OPINIÃO SOCIALISTA

PSTU

Nº589
De 6 a 19 de Maio de 2020
Ano 23

LIT-QI
Liga Internacional dos Trabalhadores Quarta Internacional

R$2 | (11) 9.4101-1917 | PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial



GOVERNO GENOCIDA

FORA BOLSONARO E MOURÃO

BRASIL CAMINHA PARA SER O CENTRO MUNDIAL DA PANDEMIA

NACIONAL

Autodefesa contra grupelhos de ultradireita fascista **Página 5**

EMBRAER

Estatizar empresa, sob o controle dos trabalhadores, é estratégico à soberania. **Páginas 10 e 11**

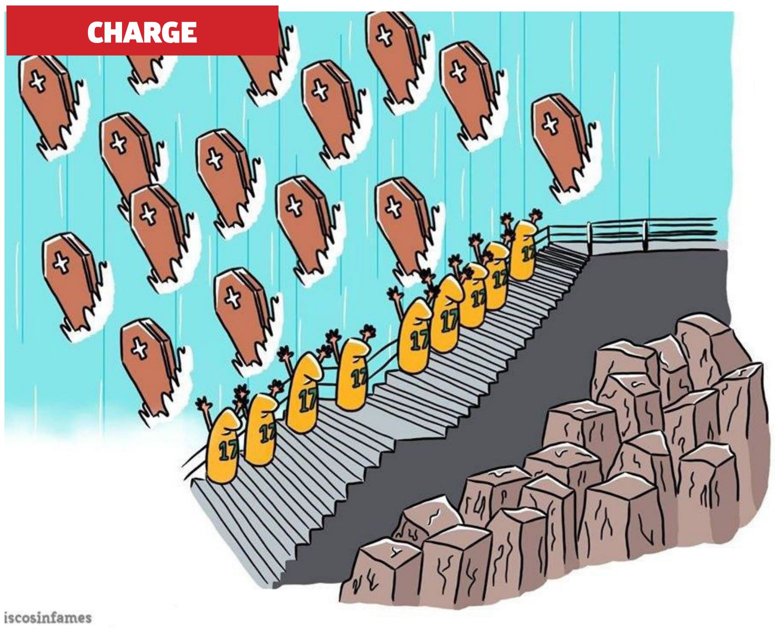
FUTEBOL

Bolsonaro quer forçar volta do futebol enquanto país agoniza na pandemia **Página 14**

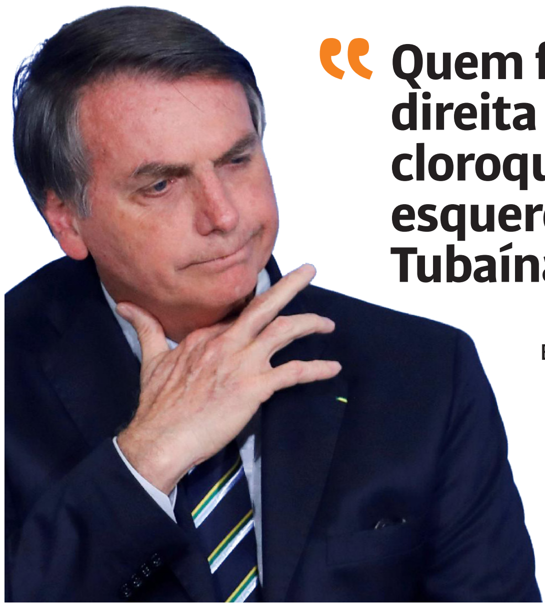
PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira



“Quem for de direita toma cloroquina, de esquerda toma Tubaína.

BOLSONAROem live no dia 19/5/2020. O presidente fez a piadinha no dia em que o Brasil registrou 1.179 mortes em 24 horas.

Justiça para o menino João Pedro



O garoto João Pedro, de 14 anos, brincava com os primos no quintal de casa no dia 18 de maio, na Praia da Luz, Ilha de Itaoca, em São Gonçalo (RJ). Tudo corria bem até que policiais pularam o muro da sua casa disparando, supostamente numa perseguição a traficantes. João Pedro foi atingido por um tiro na barriga. Os policiais não só impediram que o garoto fosse socorrido, como ameaçaram seus familiares e levaram o menino num helicóptero. “O pessoal foi tentar ir atrás, mas os policiais não deixaram e ainda ameaçaram, dizendo que se eles saíssem iriam atirar”, descreveu um primo do menino ao jornal carioca O Dia. A família ficou horas sem ter qualquer informação sobre o paradeiro do menino. Só no dia seguinte o corpo de João Pedro foi encontrado no IML de Tribobó. Como se o caso já não fosse revoltante o bastante, a família soube depois que o garoto foi simplesmente largado morto num quartel do Corpo de Bombeiros na capital, a 40 quilômetros de sua casa. A ação que resultou na morte de João Pedro foi coordenada entre as polícias Civil e Federal. O assassinato de João Pedro causou revolta e comoção, mostrando que, em plena pandemia, a polícia segue com o genocídio da juventude negra da periferia.

O que Bolsonaro está escondendo?

Depois de dois meses, finalmente Bolsonaro apresentou três exames que supostamente atestam que ele não esteve infectado pelo novo coronavírus. Depois de pintar e bordar na rua, esfregar a mão na cara e passar nas pessoas, tossir em cima da multidão, o presidente escondeu esses exames apesar de todo o apelo para que ele apresentasse os documentos. Foi só depois de uma ação do jornal O Estado de S. Paulo que o governo apresentou uns laudos, digamos, bem estranhos. Dois dos exames foram realizados pelo laboratório do hospital Sabin. O mais atípico deles foi o terceiro, realizado pela Fiocruz. Os do Sabin não tinham o nome dele, mas pseudônimos com o CPF de Bolsonaro. Já o da Fiocruz, nem isso. Nenhum número, nem RG, nem CPF, só um número: 05. Caso comprovado que Bolsonaro, sabendo estar contaminado, expôs a população ao risco de contágio, ele pode ser responsabilizado criminalmente por isso. A maior parte da delegação que foi beijar os pés de Trump foi contaminada. Mais recentemente, foi a vez do próprio presidente da Anvisa atestar positivo para COVID-19. Até mesmo os servidores da Esplanada entraram na Justiça para serem dispensados do serviço no local. Nem mesmo eles acreditam nesses exames.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.
CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Fabrício Last e Victor “Bud”

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp
Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta
(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Bolsonaro é o responsável número um pelo genocídio que ocorre no Brasil

Enquanto fechávamos esta edição, o Brasil ultrapassava mil mortes em um só dia, totalizando quase 18 mil, rumo a ser o epicentro da pandemia, com centenas de milhares de mortos se nada for feito.

Enquanto isso, temos um presidente que passeia de jet ski ao mesmo tempo em que a classe trabalhadora e os moradores da periferia se contagiam porque ele não paga os míseros R$ 600 aos 118 milhões que dele necessitam, deixando mais da metade dessas pessoas expostas à fome. Bolsonaro quer jogar a culpa pelo desemprego e pela fome na quarentena, mas a culpa é, em primeiro lugar, dele, de Mourão e de Guedes.

Esse governo está isolado, perde apoio e é minoritário na sociedade. Se ele balança, mas ainda não cai, é porque ainda conta com 30% de apoio segundo as pesquisas. Esse peso é baseado na desinformação e, contraditoriamente, no pagamento de R$ 600 a uma parcela da população. Porém tem outros 60% contra ele, dos quais a maioria o considera ruim ou péssimo.

Ainda se mantém porque os militares o sustentam e agora também os parlamentares do centrão. Mas também porque a oposição liberal e o empresariado não querem derrubá-lo por enquanto. A oposição parlamentar também não atua nesse sentido para valer, pois prioriza uma frente de colaboração de classes para 2022 e um projeto de governar o capitalismo com algumas reformas.

É preciso encontrar formas de, nos limites da pandemia, manifestar, mobilizar o amplo setor social de massas (a classe operária, toda a classe trabalhadora, os setores populares, a juventude, os indígenas e os setores do campo, os negros, as mulheres, as LGBTs, os artistas) contra esse governo para desestabilizá-lo e derrubá-lo.

A NECESSIDADE DA UNIDADE PARA LUTAR E DA AUTO-ORGANIZAÇÃO DOS DE BAIXO

A primeira necessidade para enfrentar a pandemia, o genocídio e a fome e defender a vida, o emprego, a renda e as liberdades democráticas, é botar para fora Bolsonaro e Mourão. Para isso, é necessária toda unidade para lutar. Devemos cobrar dos partidos e das organizações que têm peso na classe que não fiquem só num posicionamento superestrutural, mas que busquemos organizar um processo de massas para valer pelo "Fora Bolsonaro".

Também é necessário construirmos, por baixo, nas fábricas, nos bairros, nas favelas, nossa auto-organização. Auto-organização para construir a solidariedade de classe nos bairros e exigir que o governo pague já os R$ 600 e também para apoiar, arrecadar alimentos e combater a fome e a doença entre os nossos. Para impedir que nos façam de bucha de canhão nas fábricas e defender a quarentena com estabilidade. Auto-organização entre juventude e sociedade para juntos impedirmos o Enem.



Auto-organização e mobilização por baixo para forçar que o "Fora Bolsonaro", que alguns partidos adotaram, não seja mera propaganda eleitoral para 2022, e sim instrumento de mobilização e organização operária e popular. Auto-organização e autodefesa para que nossas lutas não se deixem intimidar por setores paramilitares e semifascistas estimulados pela extrema direita. Auto-organização para impor a democracia operária nas organizações que temos ou, se necessário, organizar outras.

Auto-organização para enfrentar também os ataques de governadores, prefeitos e Congresso, que, sendo oposição a Bolsonaro e a seu projeto de ditadura, são representantes dessa mesma burguesia escravocrata e apoiadores da mesma política de Paulo Guedes, dos banqueiros e do grande empresariado.

Essa auto-organização é importante para lutar agora mesmo, mas também para organizar a força da nossa classe e os de baixo para não só derrubar esse governo e seu projeto de ditadura, como também construir outra forma de sociedade. Uma sociedade socialista.

UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

Se defendemos a mais ampla unidade pelo "Fora Bolsonaro e Mourão", não defendemos frentes amplas eleitorais, porque essas frentes com a burguesia acabam não apenas sendo um freio à luta dos trabalhadores, mas expressam projetos capitalistas com mais ou menos reformas.

Não é papel da classe trabalhadora e da juventude atuar para, mais uma vez, salvar este sistema, propondo apenas que ele seja "menos pior" ou que garanta, quando muito, programas de renda mínima do Banco Mundial para uma maioria muito pobre e lucros extraordinários para 1% que destrói o planeta e promove barbárie.

Não precisamos de um capitalismo renovado ou menos pior, como o que os governos do PT prometeram e já vimos no que deu. Precisamos lutar por uma nova forma de sociedade, que supere este sistema, que seja realmente democrático, que diminua a jornada, aumente o salário e garanta pleno emprego, que possa desenvolver a ciência e defender o meio ambiente. Um país e um mundo sem opressão e sem exploração.

Para isso, precisamos nos auto-organizar e também construir um partido, uma organização revolucionária e socialista.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2ZSDPR8

EDUCAÇÃO

Enem: adia já!

MARINA CINTRA E MANDI COELHO,
DO COLETIVO REBELDIA

Em meio à pandemia e à crise sanitária, Bolsonaro e seu ministro da educação, Abraham Weintraub, insistem em atacar a educação. O governo cortou bolsas do CNPQ nas ciências humanas e fez interferências políticas na nomeação dos reitores dos Institutos Federais em Santa Catarina e no Rio Grande do Norte. Agora insiste em manter a prova do Enem como se tudo estivesse bem no Brasil. Mas não está.

De um lado, estamos nós, estudantes, junto com os professores e a comunidade de mães e pais trabalhadores, fazendo campanha para o adiamento do Enem. Do outro, está o governo, agindo como se tudo estivesse normal, dando declarações horrorosas como a do ministro: "O Enem é para selecionar os melhores médicos, enfermeiros, engenheiros etc. Não é para corrigir desigualdades", disse.

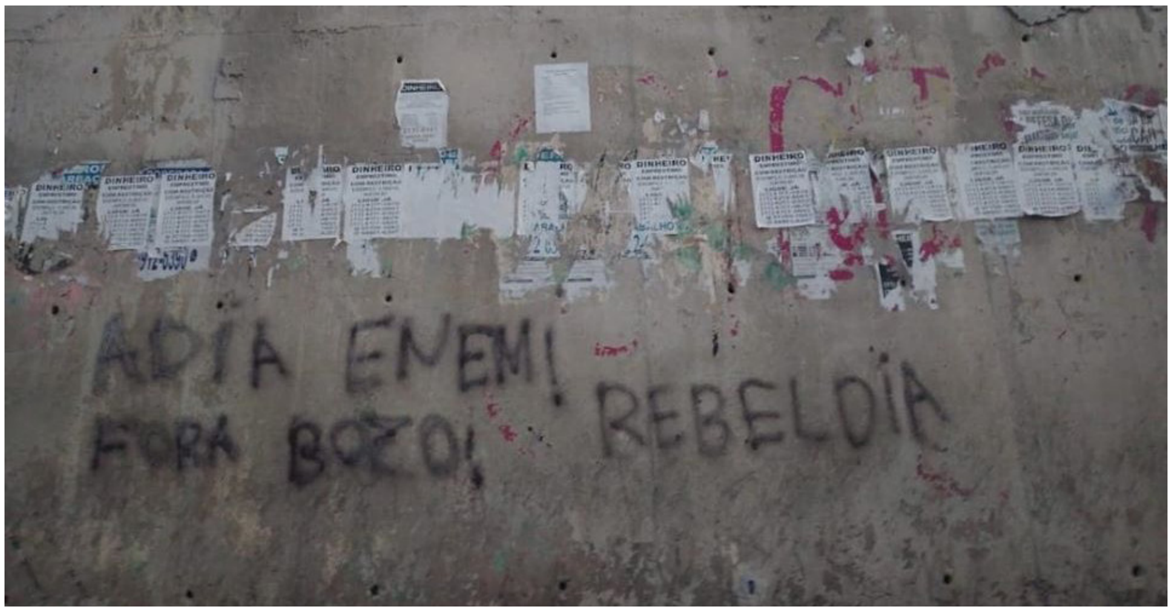
PROPAGANDA MENTIROSA

O governo vem fazendo uma propaganda na televisão em que mostra jovens com plenas condições de estudar durante a pandemia. Essa situação não é nem de longe a condição da maioria dos jovens.

Bolsonaro, junto com os governos estaduais, tem tentado colocar o Ensino a Distância (EAD) como forma de solucionar a questão da educação. Os relatos de estudantes, professores, mães e pais dos alunos nos mostram como isso está acontecendo na prática. Muitos professores nem sequer conseguiram entrar em contato com os alunos, devido ao problema da desigualdade no acesso à internet. Muitos estudantes não moram numa casa na qual seja possível realizar de forma plena os estudos ou não têm acesso a computadores, como é o caso dos jovens nas periferias.

EXCLUSÃO DIGITAL

Na realidade, esses jovens não têm conseguido estudar. De acordo com uma pesquisa realizada em 2019 pela TIC Kids Online Brasil, estima-se que cerca de 3,8 milhões de crianças e adolescentes não tiveram acesso à internet em 2018. Outro dado importante da pesquisa é que 78% dos adolescentes e das crianças das chamadas classes D e E só conseguem acessar a internet pelo celular. Apesar de tudo isso, o ministro se mostra irredutível e diz, mesmo com toda pressão da sociedade, que vai ter Enem esse ano.



VAI AUMENTAR A DESIGUALDADE

Weintraub nunca escondeu sua política de privatização da educação e que acha que a desigualdade na educação é parte da vida. O ministro está de braços dados com as grandes corporações da educação, que inclusive querem apostar no Ensino a Distância como o futuro, pois assim se economiza dinheiro e se gera mais lucro. Isso já vinha sendo aplicado há muito tempo, principalmente nas universidades privadas.

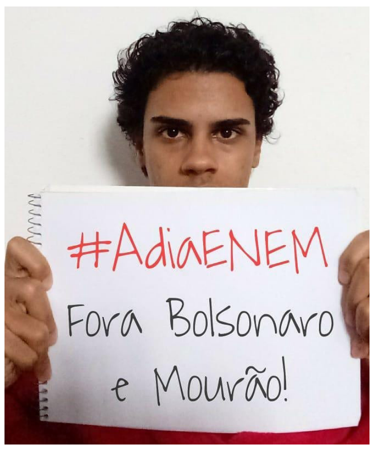
Esse é na verdade o principal problema sobre o Ensino à Distância e a manutenção do Enem: vai aprofundar o fosso da desigualdade social que existe no país. De um lado, estão alunos ricos com plenas condições de estudo, como aqueles retratados na nova propaganda do Ministério da Educação. Do outro lado, os jovens pobres e os filhos de trabalhadores, aqueles para os quais o slogan da propaganda, "A vida não pode parar", é na verdade "vocês é que se virem".

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2YN74CC

#ADIA ENEM

Fora Bolsonaro, Mourão e Weintraub

É por isso que devemos agora, mais do que nunca, intensificar a campanha pelo #AdiaEnem. São os estudantes, professores e trabalhadores nessa luta! O dia 15 de maio foi um dia nacional de mobilização pelo adiamento do Enem e pelo "fora Bolsonaro". Diversos movimentos de juventude participaram de maneira unitária,



fazendo pressão e dando visibilidade a essa pauta. Foi um dia importante de luta, e devemos aprofundar e intensificar a campanha.

Achamos muito importante que a UNE aprofunde a campanha e a luta pelo adiamento da prova. Além disso, é preciso se unificar com professores e com a comunidade. No final de tudo isso, se o governo ainda insistir em manter a prova, o movimento estudantil precisa organizar a inviabilização da mesma.

Também somos a favor de botar para fora o ministro da educação e Bolsonaro, que têm uma política obscurantista e de retrocesso para a educação, tendo Olavo de Carvalho como apoio para suas teses.

Não dá mais! Não aguentamos mais a situação pela qual passa o país e o descaso dos governos e de seus ministros. Não aguentamos mais a situação em que se encontra a educação. Por isso, devemos unificar a luta pelo #AdiaEnem com uma luta mais geral pela retirada imediata de Bolsonaro, miliciano, corrupto e ditador; Mourão, que segue a mesma política; e Weintraub, que aplica tudo isso na educação.

O Enem deve ser feito novamente quando todos os jovens tiverem acesso a uma reposição democrática das aulas. Para além disso, também precisamos fazer um debate sobre o filtro social que são os vestibulares e como o acesso ao ensino superior não é nada democrático.

O QUE DEFENDEMOS

- **Adia já Enem!**
- **EAD não é a solução e só aumenta a desigualdade na educação!**
- **Pela revogação nos cortes nas ciências humanas!**
- **Contra todos os ataques e cortes na educação!**
- **Fora Weintraub e seu projeto de privatização!**
- **Fora Bolsonaro e Mourão!**

COLETIVO REBELDIA

ENTRE EM CONTATO COM O COLETIVO REBELDIA PARA CONSTRUIRMOS JUNTOS ESTA CAMPANHA! OS ESTUDANTES PODEM E CONSEGUEM SE ORGANIZAR MESMO EM PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL!

GADO

Grupelhos fascistas atacam trabalhadores da saúde e jornalistas



Grupo de bolsonaristas em protestos em apoio ao presidente carregam caixão e gritam "fechado com Bolsonaro".

DA REDAÇÃO

No dia 17 de maio, uma jornalista levou uma bandeirada na cabeça enquanto fazia a cobertura de uma manifestação de bolsonaristas em Brasília. No mesmo dia, um grupo de paraquedistas veteranos fardados fez uma saudação a Bolsonaro gritando "Bolsonaro somos nós" enquanto levantavam um braço, lembrando a saudação nazista "Heil Hitler".

No dia 1º de maio, em protesto realizado em Brasília, profissionais da saúde também foram alvo de ataques. "Vocês não vão destruir esta nação", disse um dos homens de verde e amarelo, chamando os profissionais de "analfabetos funcionais" e "esquerdopatas". "Nós vamos varrer os comunistas desta nação", continuou.

O protesto era silencioso. Vestidos de jalecos e máscaras e empunhando cruzes, enfermeiros e técnicos da área estenderam uma faixa e pediam para as pessoas ficarem em casa. Um dos agressores é Renan da Silva Sena, funcionário terceirizado do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), comandado pela ministra Damares Alves. Renan agrediu uma enfermeira com palavras e cusparada no rosto.

Desde o dia 1º de maio, bolsonaristas do grupo chamado 300 do Brasil estão acampados em Brasília. Eles defendem um golpe e o fechamento do Congresso e do STF. Um de seus principais objetivos é "exterminar a esquerda". Fazem atos de apoio a Bolsonaro todos os domingos no Palácio do Planalto, coordenando carreatas da morte e churrascos em apoio ao presidente.

Uma das líderes do grupo, Sara Winter, disse que estão armados. "Essas armas servem para a proteção dos próprios membros do acampamento", disse. Aliás, ela é uma conhecida simpatizante do nazismo e tem a cruz de ferro tatuada no corpo. Há denúncias de que o 300 do Brasil realiza "treinamentos, recomendações para 'roupas adequadas para treinamentos físicos de combate'" segundo uma jornalista infiltrada no grupo.

Trata-se de um grupo paramilitar nitidamente fascista que reúne gente desesperada, a maioria da pequena burguesia arruinada, e delinquentes que têm por objetivo criar bandos armados para apoiar Bolsonaro e seus amigos milicianos. Pelos vídeos e pelas postagens do grupo, também é possível deduzir que há presença de ex-militares.

BANDOS ARMADOS E FASCISMO

Esse grupo assume uma característica singular do fascismo. Diferente de outros regimes ditatoriais, que se basearam numa instituição do Estado como as Forças Armadas, o fascismo se apoia em grupos paramilitares enraizados num setor social.

Obviamente, os grupos Bolsonaristas são francamente minoritários no Brasil, mas seu projeto estratégico é aniquilar os direitos democráticos e exterminar todo ativismo social. Sua ideologia busca envolver a pequena burguesia no pesadelo de uma suposta conspiração comunista contra a nação. Para isso, apoiam-se na divulgação massiva de fake news e de todo tipo de obscurantismo científico que busca ocultar a realidade dos fatos: quem produz a catástrofe em que o país mergulhou é o próprio Bolsonaro .

NÃO SE DISCUTE, SE COMBATE

A crescente rejeição de Bolsonaro e o aumento de sua fragilidade (leia mais na página 6) não colocam no horizonte um crescimento de massas desses grupos fascistas no próximo período. No entanto, como nos lembra o revolucionário Leon Trotsky, "com o fascismo não se discute, com o fascismo se combate". Não se pode atuar com o fascismo disputando sua influência entre os trabalhadores e as massas por meio da atividade política tradicional. É preciso confortá-lo. Isso já foi feito no passado para enfrentar o integralismo da década de 1930 (leia abaixo). É óbvio que, numa situação de isolamento, necessário para deter o coronavírus, é impossível fazer um enfrentamento desse tipo. Mas os setores que são agredidos em manifestações, como os profissionais da saúde, têm todo o direito de organizar sua autodefesa.

Não podemos ficar indiferentes a essas agressões. Por isso, os trabalhadores, a partir de suas bases, têm o direito de organização e de luta, de divulgar de forma ampla as barbaridades ocorridas e de revidar.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2LKIAFO

HISTÓRIA


Fuga dos integralistas na Praça da Sé

"Fascista não corre, voa"

A Ação Integralista foi grupo fascista brasileiro que defendia o combate aos sindicatos e às organizações de esquerda. Seus militantes usavam uniformes militares verde-oliva e ficaram conhecidos como "galinhas verdes".

Procurando barrar sua influência, a organização trotskista Liga Internacional Comunista (LCI), dirigida por Mario Pedrosa, propôs a criação de uma Frente Única Antifascista (FUA), que reuniu várias organizações operárias.

No dia 7 de outubro de 1934, os integralistas pretendiam fazer um grande comício na Praça da Sé, em São Paulo. Levaram cerca de 8 mil pessoas e começaram a marchar pelas ruas da capital paulista entoando seus hinos fascistas.

Dias antes, porém, a FUA preparara, com todas as organizações operárias de São Paulo, uma contramanifestação para dissolver o comício fascista. A "Batalha da Praça da Sé", como ficou conhecida, durou horas no centro de São Paulo, até que o comício integralista foi dissolvido. A debandada geral dos integralistas ficou conhecida na história como a "revoada das galinhas verdes".

CERCADO

Governo vive um escândalo por dia, mas não para de atacar

DA REDAÇÃO

À crise sanitária, social e econômica, o governo Bolsonaro vê agora um novo repique da crise política. Após a demissão de um dos pilares do bolsonarismo, Sérgio Moro, foi a vez do recém-empossado ministro da Saúde, Nelson Teich, pedir as contas. Teich, que assumiu o ministério prometendo ser um boneco ventríloquo de Bolsonaro e dos militares, e fez isso muito bem, não quis assumir o risco de obedecer ao presidente e decretar o uso da cloroquina de forma indiscriminada.

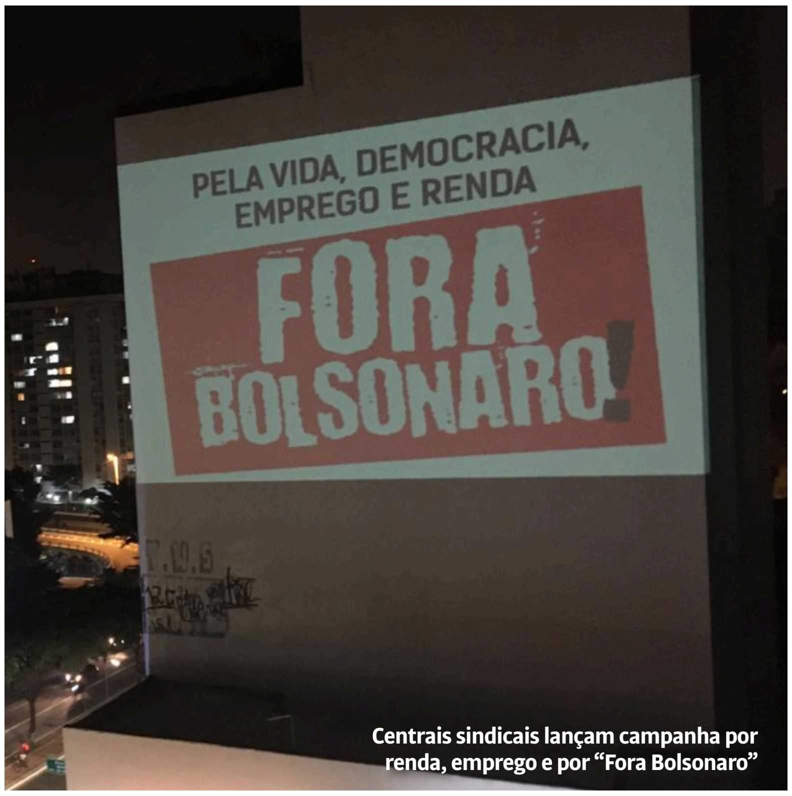
Por trás disso, está o desespero de Bolsonaro em fazer voltar a economia à custa de centenas de milhares ou de mais de um milhão de vidas. Como ele próprio confessou durante entrevista ao Datena, "se a economia afundar, acaba o governo". O governo e seu projeto de poder, eleitoral ou ditatorial.

GOVERNO CHAFURDA

Se a saída de Moro, por si só, já desgastou o governo, seus desdobramentos prometem ter consequências bem piores. Enquanto fechávamos esta edição, o vídeo da reunião ministerial em que Bolsonaro teria dito que interferiria na Polícia Federal do Rio para proteger seus filhos e amigos estava nas mãos do Supremo Tribunal Federal. Mas já está bem evidente que Bolsonaro tentou sim interferir na PF para safar seus filhos, Queiroz e ele próprio.

E se já não fosse crise o suficiente, explode uma nova bomba que pode colocar em xeque inclusive a própria eleição da chapa Bolsonaro-Mourão. O empresário e ex-aliado Paulo Marinho acusa a Polícia Federal de ter vazado ao então deputado Flávio Bolsonaro a operação Furna da Onça, a mesma que identificou a movimentação de R$ 1,2 milhão na conta do Queiroz, seu então assessor. Mais que isso, a polícia teria adiado a operação para depois do segundo turno para não prejudicar a eleição de Bolsonaro.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3E0YY0Z



Centrais sindicais lançam campanha por renda, emprego e por "Fora Bolsonaro"

AINDA É PERIGOSO

Um acordo frágil por cima


Roberto Jefferson, o mensaleiro corrupto é o mais novo aliado de Bolsonaro

Ao mesmo tempo em que a crise política se aprofunda, Bolsonaro se isola e parte para a ofensiva como um cão ferido. Instiga os empresários a atacarem os governadores e a quarentena, além de colocá-los contra o STF, e tenta reforçar a base de seu governo com dois movimentos.

Por um lado, reforça ainda mais a ala militar, que de forma vergonhosa se mostra disposta a tudo para se manter no poder. O general Heleno demonstrou isso ao classificar de "impatriótica" a possível divulgação da reunião ministerial. Na verdade, a reunião mostra bem que de patriótico esse governo não tem nada, mas sim muita baixaria, incluindo os militares. Já o vice Mourão culpou os governadores e até a imprensa pela pandemia e a crise, chegando a fazer uma ameaça velada de golpe.

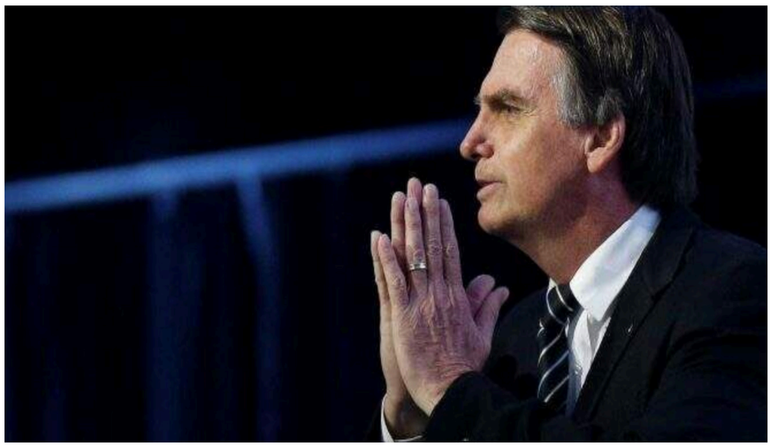
Por outro lado, Bolsonaro fechou com o centrão comandado por figuras como os ex-presidiários Roberto Jefferson e Valdemar da Costa Neto. É por isso que a temperatura deu uma baixada na relação com Rodrigo Maia (DEM). Se antes o bolsonarismo elegia Maia como o inimigo número, agora os dois conversam enquanto o presidente da Câmara permanece sentado sobre os trinta pedidos de impeachment.

A maior parte da burguesia não quer um impeachment agora. Embora prefira um governo de centro-direita mais adiante, ainda sustenta Bolsonaro com a promessa de reabrir a economia à custa de uma política genocida e de manter Paulo Guedes e seu projeto ultraliberal.

Maia e a oposição liberal tocam o projeto que a burguesia quer e têm contado com a legitimação da oposição parlamentar de conciliação de classes. Esta, embora tenha adotado, pela pressão da base e de forma oficial, o "Fora Bolsonaro", não o colocou como uma tarefa para valer. A realidade, porém, pode empurrar esse processo.

Estando frágil e com uma base que pode se esfacelar, porém, é ainda um governo perigoso, que ocupa o aparato de Estado com militares que vivem chantageando com ameaças de autogolpe. Tentam também organizar um setor paramilitar, que hoje é bem pequeno, mas que a classe precisa enfrentar.

FORA BOLSONARO E MOURÃO



Desgaste do governo e polarização se aprofundam

Por baixo, o desgaste de Bolsonaro se amplia. Pesquisa CNT divulgada em maio mostrava que 43,4% achavam o governo ruim ou péssimo. Em janeiro, esse índice era de 31%. Mesmo que o apoio ao presidente ainda seja de 32%, há uma radicalização na polarização. Por exemplo, os que consideram Bolsonaro ótimo cresceram 5%, mas os que o consideram péssimo subiram 10%.

O fato é que cada vez mais os trabalhadores e a população vão se colocando contra esse governo genocida de forma mais radicalizada. Contraditoriamente, Bolsonaro se beneficia do fato de, na pandemia, não ser possível realizar protestos massivos de rua. Mesmo assim, é fundamental uma ampla campanha pelo "Fora Bolsonaro e Mourão", unindo amplos setores e utilizando todas as formas que for possível na situação de hoje para envolver e mobilizar o amplo setor de massas que se opõe a ele, a fim de botar para fora esse governo. Essa é uma necessidade primeira da classe trabalhadora neste momento.

GENOCIDA

Bolsonaro cava o túmulo para os mortos da COVID-19

DA REDAÇÃO

O governo genocida de Bolsonaro está levando o país rapidamente para o fundo da cova. O quão fundo ela é, ninguém sabe. Enquanto a pandemia se alastra e os mortos vão sendo empilhados, existe uma política consciente do governo de não realizar testes em massa, medida fundamental, segundo especialistas, para identificar o ponto da pandemia em que estamos e implementar políticas públicas para enfrentá-la.

Essa não é a preocupação de Bolsonaro. Ao contrário, o coveiro que ocupa a Presidência faz de tudo para sabotar qualquer medida de distanciamento social, levar o povo de volta ao trabalho e manter a economia rodando. Leia-se: proteger os lucros dos grandes empresários e banqueiros e garantir seu projeto de reeleição ou de autogolpe.

Por isso ele defende a tal "imunização de rebanho", que é simplesmente não fazer nada e deixar que todo mundo se infecte até que a pandemia pare por si só. Além de não haver qualquer evidência de que a "imunização de rebanho" funcione para o coronavírus, se isso desse certo, teríamos, na mais otimista das hipóteses, mais de 1 milhão de brasileiros mortos. O médico sanitarista Sérgio Zanetta, do Centro Universitário São Camilo, definiu essa ideia muito bem como uma "estratégia de destruição em massa". Ou, sendo mais específico, destruição em massa de trabalhadores e pobres, os mais afetados pela pandemia.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2XCNVA3

ABSURDO

PESQUISADORES SÃO PRESOS AO TENTAREM REALIZAR TESTES

Enquanto o governo joga com a desinformação, a tentativa mais séria de enfrentar o apagão de dados no país é reprimida pela polícia. Um estudo da Universidade Federal de Pelotas junto com o Ibope previa a coleta de dados e testes em 133 municípios de todo o país, ação fundamental para entender a propagação do coronavírus.

Em 33 cidades, as equipes que trabalham na pesquisa foram detidas pela política e tiveram seus materiais apreendidos ou danificados. Isso não é tudo. Além de serem detidos como bandidos, muitos pesquisadores foram agredidos pela população, mostrando o efeito criminoso das fake news propagadas pela ultradireita bolsonarista (leia na página 5).

PICARETA

Cloroquina é enganação para o povo voltar ao trabalho

Isso é o que está por trás da dança das cadeiras no Ministério da Saúde. Após a saída de Henrique Mandetta, o fantoche Nelson Teich pediu as contas com menos de um mês no cargo. Ambos são agentes dos grandes planos de saúde privada e hospitais particulares e não estão, como nunca estiveram, preocupados com a vida do povo. Mas nem mesmo eles puderam dar consentimento à política assassina de Bolsonaro, de mentir ao povo dizendo que existe um remédio milagroso para o coronavírus, a cloroquina, e que, portanto, todos deveriam voltar a trabalhar.

ELES SABEM

É mais do que ignorância. O governo tem estudos, inclusive da Abin, que mostram o perigo da COVID-19 no país e a sua taxa de evolução, assim como os diferentes cenários de infecção e mortes. O próprio Exército fez um levantamento nos estados sobre a capacidade do sistema funerário.

Bolsonaro sabe também que todas as pesquisas realizadas no Brasil e no mundo não provaram a eficácia da cloroquina, muitos tendo que ser cancelados por conta de seus efeitos colaterais, principalmente arritmia. Mesmo assim, de forma criminosa, mandou o general Eduardo Pazuello, que era quem mandava de fato no ministério de Teich e ocupa o cargo em caráter interino, assinar um decreto que prescreve a medicação até nos casos leves da doença.

ATRÁS DA VENEZUELA

Enquanto isso, vivemos um apagão de dados. O Brasil é um dos países que menos faz testes no mundo, atrás até da Venezuela. Os números de mortos e infectados que vemos todos os dias nos jornais se referem a dados de uma, duas ou até três semanas atrás. Nem mesmo o número de leitos de UTI, respiradores ou taxa de ocupação temos de forma centralizada. O país enfrenta a pandemia no escuro.

Mesmo com dados subnotificados, enquanto fechávamos esta edição, caminhávamos para ser o centro da pandemia no mundo, com mais de 250 mil casos notificados e 16 mil mortos. A cada dia que passa no poder, o governo Bolsonaro e Mourão cava a vala na qual o país se encontra.

RETRATO DA SUBNOTIFICAÇÃO

EXPLODEM MORTES POR DOENÇAS RESPIRATÓRIAS E PNEUMONIA

O número de mortos por doenças respiratórias explodiu este ano, mostrando que a maioria das vítimas fatais da COVID-19 não entram nas estatísticas.



(Portal da Transparência Registro Civil até abril)

BRASIL É O 3º EM NÚMERO DE CASOS

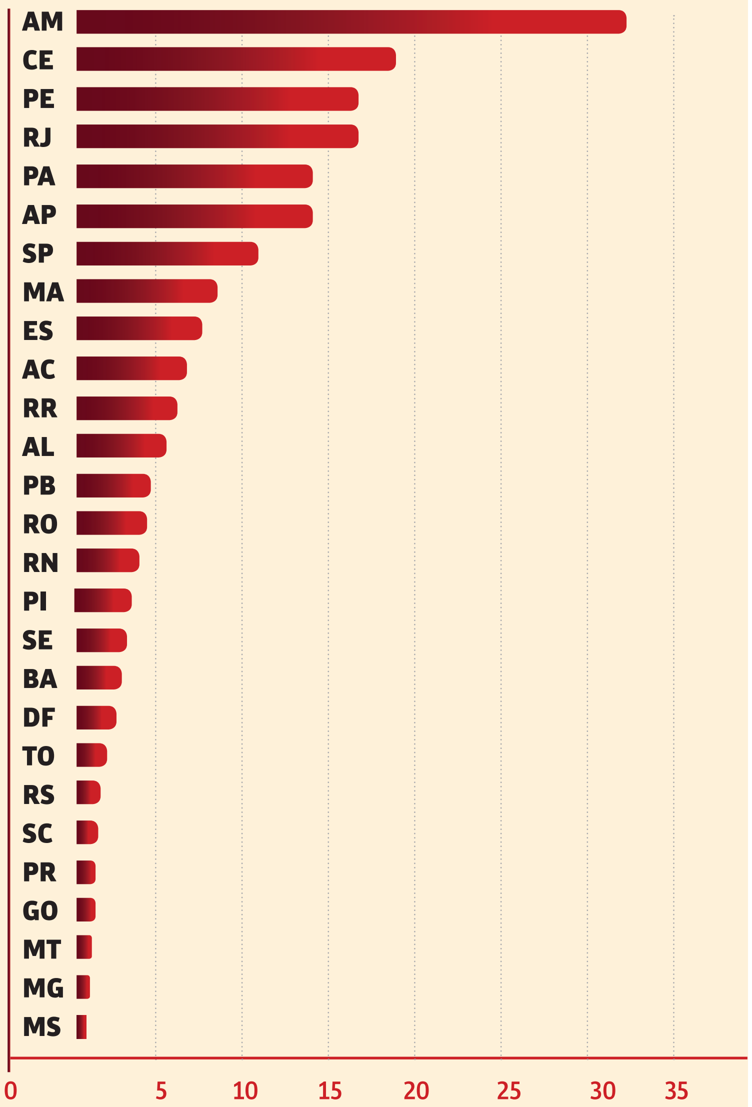


(World Bank, Universidade John Hopkins e Ministério da Saúde, dados de 17 de maio)

POR ESTADO

MORTES POR COVID-19 NO BRASIL POR 100 MIL HABITANTES

Dados atualizados até 17/05/2020



POLÍTICA GENOCIDA

Bolsonaro joga com a fome do povo para barrar quarentena

Governo veta e sabota auxílio emergencial para impedir que as pessoas fiquem em casa

DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, o governo começava a liberar, após duas semanas de atraso, a segunda parcela do auxílio emergencial de R$ 600. Mais uma vez, viu-se cenas de filas, aglomerações e agências lotadas, colocando os mais pobres em risco para receber um valor que mal cobre o preço de uma cesta básica, que na capital paulista, por exemplo, supera os R$ 500.

Além de insuficiente para permitir que informais e desempregados permaneçam em quarentena, quase metade das pessoas que solicitaram o auxílio ficaram de fora do programa. Como se não bastassem a fila e toda a humilhação que milhões de trabalhadores estão passando para receber o auxílio, Bolsonaro ainda vetou o benefício para trabalhadores informais como taxista, motorista de aplicativo, vendedores de porta em porta ou ambulante de praia, como havia sido acordado com o Congresso Nacional. Com isso, 7,5 milhões de pessoas que estão fora do Cadastro Único e declararam mais que R$ 28 mil em 2018 não receberão nada.

GOVERNO FEDERAL BARGANHA REABERTURA COM ESTADOS

Bolsonaro também vetou a medida que ampliava o auxílio a pais solteiros para R$ 1.200, como acontece hoje com as mães solteiras. É simplesmente impossível sustentar uma quarentena de verdade pagando um auxílio absolutamente insuficiente a quem está sem qualquer tipo de renda, mas é justamente isso que Bolsonaro quer.

O veto do auxílio a milhões de desempregados e informais, os sucessivos erros e atrasos do sistema e as filas não são coincidência. Fazem parte de uma política do governo para que a quarentena não exista de fato e que, nos estados, a população pressione os governadores para o fim das poucas medidas de distanciamento social.

Tanto é assim que, conforme divulgou o jornal O Globo, o ministro da Economia, Paulo Guedes, estuda barganhar o plano de ajuda aos estados com a reabertura da economia. Isso justamente num momento em que a curva de contágio e as mortes se dirige para cima e fica quase vertical, com o colapso dos sistemas de saúde pública. Pela proposta de Guedes, a ajuda de R$ 60 bilhões aos estados a partir de junho estaria condicionada à reabertura.

Além disso, outro ponto dessa negociata é a proibição de reajuste a servidores nos próximos anos. "Não assaltem o Brasil", chegou a dizer o ministro-banqueiro processado por fraude em fundos de investimento sobre o funcionalismo.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/36HDTLM

METADE QUE PEDIU AUXÍLIO ESTÁ AO DEUS-DARÁ

96 milhões - pediram o auxílio emergencial

50 milhões - tornaram-se aptos a receber

12 milhões - estão pendentes

(Fonte: Ministério da Cidadania)

CÚMPLICES

Governadores impõem quarentena fake

Enquanto fechávamos esta edição, moradores da favela de Paraisópolis, em São Paulo, realizavam um protesto no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista, exigindo medidas para que a população das comunidades possa ficar em casa, como água, testagem, ambulância e alimentação. Não foram recebidos pelo governador e deram de cara com a Tropa de Choque.

Isso mostra a hipocrisia do discurso do governo paulista que, enquanto tenta se diferenciar da política abertamente genocida de Bolsonaro e faz campanha para as pessoas ficarem em casa, não garante nem água para os moradores das periferias lavarem as mãos, a mais básica das medidas de combate à pandemia.

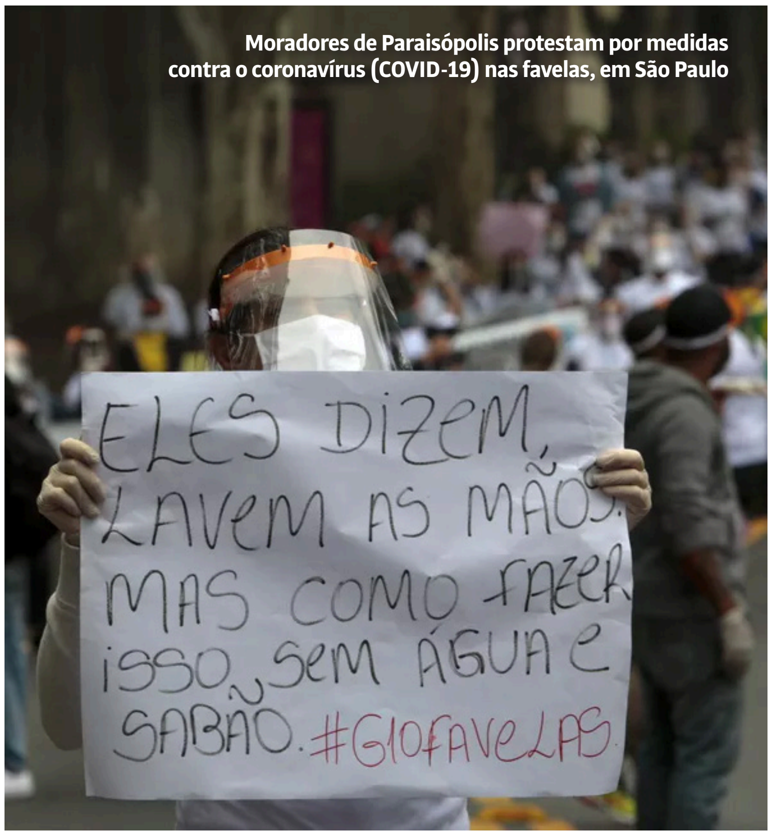
Na capital e na grande São Paulo, região que é o atual centro da crise no país, é praticamente consenso a necessidade do fechamento total de todas as atividades não essenciais, já que o sistema público está à beira do colapso. Mas o prefeito Bruno Covas e o governador João Doria, ambos do PSDB, ficam num empurra-empurra, enquanto valas coletivas vão sendo abertas. A mesma situação acontece no Rio de Janeiro de Wilson Witzel (PSC).

Como se não bastasse, Witzel e Doria enfrentam denúncias de fraudes e superfaturamento na contratação sem licitação dos hospitais de campanhas. No capitalismo, até na catástrofe humanitária os corruptos de sempre veem uma oportunidade para faturarem.

"FAKEDOWN"

No Maranhão, a justiça decretou o fechamento da capital, o tal lockdown. Porém, o governador Flávio Dino (PCdoB) baixou um decreto colocando as domésticas como "serviço essencial". No Amazonas, local das cenas mais dramáticas desta crise, o governo de Wilson Lima (PSC) determinou a volta de 50 mil operários à Zona Franca de Manaus com outros 35 mil retornando aos poucos.

A Mercedes, em São Bernardo do Campo (SP), a Fiat, em Betim (MG), e a GM, em São Caetano (SP), também anunciaram o retorno das atividades, transformando as fábricas em possíveis focos de contaminação e expondo não só os trabalhadores, mas também suas famílias e toda a população ao coronavírus.



Moradores de Paraisópolis protestam por medidas contra o coronavírus (COVID-19) nas favelas, em São Paulo

Fora já Bolsonaro e Mourão

É preciso parar tudo! Em defesa da vida, dos empregos e da renda

Do pouco que sabemos até o momento sobre o coronavírus, um grande consenso que se formou entre a comunidade médica e científica internacional foi o da necessidade do isolamento social para evitar a mortandade. Essa verdade foi o que convenceu até mesmo líderes da extrema direita como Boris Jonhson, do Reino Unido, ou Trump, dos Estados Unidos, a serem obrigados a adotar medidas de quarentena quando os corpos começaram a ser empilhados em seus países. Mas não Bolsonaro.

Para a perplexidade até mesmo de seus pares, Bolsonaro não se comove com o avanço acelerado de mortes. Ao contrário, sabota as poucas medidas de isolamento nos estados e usa trabalhadores e pobres como bucha de canhão para que a economia rode e as grandes empresas continuem funcionando à custa de 1 milhão ou de milhões de mortes.

É uma política genocida, não tem outro nome. Vai ficando cada vez mais evidente que pôr para fora Bolsonaro é a primeira coisa a se fazer para enfrentar a pandemia. O vice Mourão tampouco é alternativa. Já mostrou que compartilha da tese genocida de Bolsonaro, além do mesmo projeto autoritário de ditadura. É necessário tirar todos eles de lá, Bolsonaro e Mourão, e, na medida em que ainda não temos uma alternativa da classe trabalhadora, exigir eleições gerais já.

O movimento contra Bolsonaro e Mourão anunciado pelas centrais sindicais é um importante avanço, mas ainda é insuficiente. É necessário um grande movimento de massas, uma campanha ampla pelo “Fora Bolsonaro e Mourão”.

Quarentena de verdade!
Só há hoje uma medida para salvar vidas: quarentena total. É parar tudo, não só o comércio, mas também e principalmente as grandes fábricas, que vêm tornando-se foco de contaminação nos estados. Ou seja, todo o serviço não essencial.

Pagar já os R$ 600!
É preciso, para ontem, decretar a quarentena total em todo o país. É a primeira medida para salvar vidas, principalmente dos mais pobres. Para isso, só há um jeito: derrotar a política de Bolsonaro de inviabilizar o auxílio emergencial a milhões de trabalhadores. É preciso pagar os R$ 600 a todos que solicitaram o auxílio e expandir esse valor para, no mínimo, dois salários mínimos e meio.

Para proteger os empregos durante esse período, é preciso proibir as demissões. Países muito mais pobres que o Brasil, como a Argentina (que está muito longe de ter um governo dos trabalhadores), fizeram isso, e hoje o número de mortes no país é 12 vezes menor que aqui.

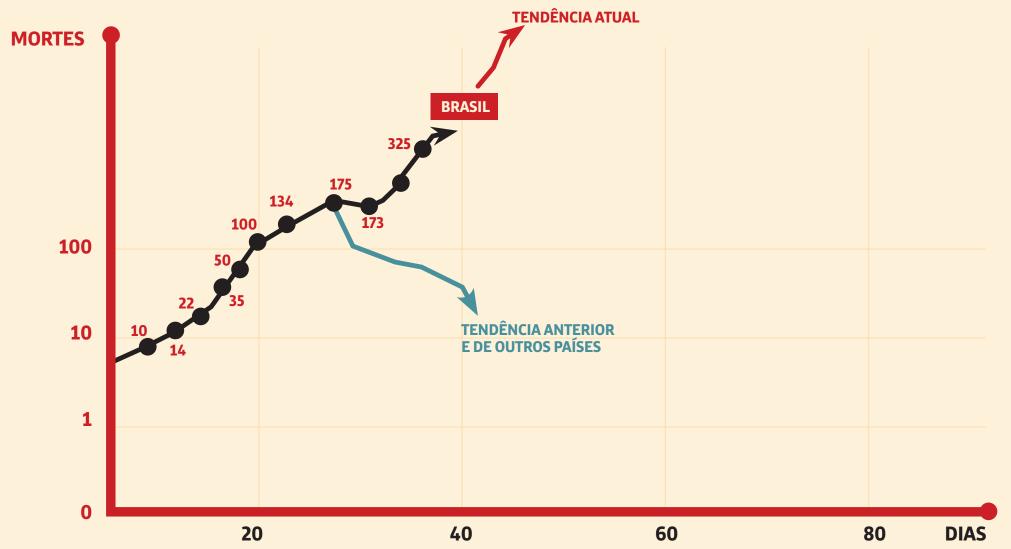
Além disso, é necessário dar condições aos micro e pequenos empresários que, além de terem sua renda (na maior parte das vezes igual ou até menor que a de um trabalhador) perdida, são responsáveis por grande parte das contratações no Brasil. Eles estão sendo deixados à míngua pelo governo.

Por fim, é preciso garantir a sobrevivência da população mais pobre de favelas e periferias. Não só a infraestrutura mais básica, como água, mas também testagem em massa e acomodação a quem não tem condições de permanecer em casa. Para isso, basta requisitar os hotéis, principalmente as grandes redes e expropriar os imóveis vazios e os que servem hoje à especulação imobiliária.

ENTENDA

BOLSONARO É RESPONSÁVEL PELA MORTANDADE

- **O Brasil vinha numa linha crescente de contágios e mortes desde a notificação da primeira morte, em março, até o meio de abril**
- **Mesmo com as medidas insuficientes dos governadores e prefeitos, a maioria se convenceu a adotar distanciamento social, o que fez com que essa tendência se estagnasse e iniciasse até uma redução**
- **LINHA AZUL - Se tivéssemos continuado com as medidas de quarentena adotadas em abril, hoje estaríamos seguindo a tendência dos países da Europa, e neste momento poderíamos estar até discutindo a retomada.**
- **LINHA VERMELHA - Com a sabotagem de Bolsonaro ao auxílio-emergencial, seu discurso negacionista e a quarentena fake dos governadores, a quarentena foi relaxada o que fez aumentar a linha de contágio e transformando o Brasil no centro da pandemia mundial. Isso aprofundou a crise, aumentou o número de mortes e vai estender em muito a pandemia no país**



Imperial College Londres/Átila Iamarino

A VIDA ACIMA DO LUCRO

Fila única de UTIs e estatização da saúde privada

Na atual etapa da pandemia, o coronavírus deixa de se concentrar nos ricos e se espalha com violência entre os mais pobres, sobrecarregando os hospitais nas periferias e o SUS. O dono da XP retratou isso, a seu modo mesquinho e elitista, quando disse que a onda havia passado entre os ricos e que agora o problema são os pobres.

Os ricos trouxeram a pandemia de suas viagens à Europa e aos EUA (como a comitiva presidencial de Bolsonaro). Pois agora que submetam seus hospitais a tratar toda a população. É preciso estatizar toda a rede hospitalar privada, criando uma fila única do SUS, sem indenização. Por anos essa gente enriqueceu com o sucateamento do SUS. Agora, com a pandemia e o morticínio de pobre, que devolvam pelo menos parte daquilo que sempre lucraram.

ATACAR OS LUCROS DOS RICOS

Financiamento maciço e imediato no SUS, com a construção de hospitais e UTIs

Mesmo que consigamos impor uma quarentena geral, pela política genocida de Bolsonaro e as medidas frouxas dos governadores, é muito provável que nem as redes pública e privada juntas darão conta de atender os doentes graves da COVID-19 que necessitarão de leitos de UTI e respiradores. Para financiar isso, é fundamental atacar os lucros dos bancos, parar de pagar a dívida e utilizar as reservas internacionais.

É preciso investir de forma maciça na construção desses leitos, impor a reconversão industrial para a produção de respiradores, aproveitando projetos de respiradores mais baratos e eficientes, como o feito pela USP, e reconverter a indústria têxtil nacional para a fabricação e distribuição massiva de máscaras, assim como álcool em gel.

NACIONAL

Embraer e a defesa da soberania nacional

GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)



A Boeing divulgou uma nota oficial em que anuncia a rescisão do contrato de fusão com a Embraer. A empresa estadunidense informa que a Embraer não atendeu às condições acordadas e não resolveu pendências necessárias que viabilizariam a fusão do setor de aeronaves da Embraer com a Boeing por meio de uma joint venture.

Reafirma que as pendências e condições exigidas não foram solucionadas até a data proposta, inviabilizando a consumação do negócio. Não há dúvidas que a não consumação do negócio é altamente benéfica para o Brasil, para sua soberania e até mesmo para os trabalhadores envolvidos de forma direta e indireta com a indústria aeronáutica.

QUAIS SERIAM AS CONSEQUÊNCIAS DA FUSÃO?

A fusão teria apenas dois beneficiários: a própria Boeing, que se apropriaria de uma empresa que foi líder predominante no mercado mundial de aeronaves de pequeno e médio porte nos últimos 20 anos, com desenvolvimento de tecnologia própria de ponta, e, é óbvio, os acionistas da Embraer, que venderiam a maior parte de sua participação na empresa. Afora esses dois grupos, todos perderiam.

Apesar de a Embraer ter sido privatizada desde 1994 e aberto seu capital no ano 2000, possuindo a maior parte de suas ações negociadas diretamente na bolsa de valores de Nova Iorque, o vínculo jurídico formal como empresa sediada no Brasil não é um mero detalhe. Essa composição acionária majoritariamente estrangeira significa que os lucros e dividendos da empresa, em sua maior parte, são remetidos para seus acionistas no exterior. Apesar disso, a empresa continua respondendo ao Brasil por suas ações, podendo fazer parcerias militares e civis de produção e compartilhamento de tecnologia.



DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Vejamos um exemplo. Há dez anos, a empresa Sueca SAAB, especializada na produção de caças, decretou falência. Sua aquisição foi tentada por empresas chinesas, mais foi inviabilizada por intermediação dos Estados Unidos, que conseguiram vetar o negócio por intervenção da General Motors, proprietária de algumas tecnologias usadas pela empresa. Foi esse cenário que possibilitou a parceria entre a SAAB e a Embraer.

Isso ocorreu com a aquisição de 36 caças Gripen NG da empresa pelo governo brasileiro. No entanto, o contrato prevê a produção dos caças em solo nacional entre 2019 e 2024. Estabeleceu-se um programa de transferência de tecnologia, no qual a Embraer tem papel de liderança na sua execução, realizando grande parte do trabalho de produção. Em resumo, o Brasil passa a ter a possibilidade de produzir seu próprio caça.

A fusão inviabilizaria projetos semelhantes. O Brasil perderia a capacidade que hoje possui de construir uma aeronave e ter alguma autonomia em seus projetos militares e até mesmo civis. Dito isso, fica a pergunta. Qual é o motivo da ruptura do acordo por parte da Boeing?

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/36H5GXR

DOIS MOTIVOS

Por que a Boeing rompeu o contrato?



Boeing 737-9 MAX. Até março de 2019, o 737 MAX já tinha se envolvido em dois acidentes fatais em um período de cinco meses, aumentando as preocupações sobre sua segurança e sugerindo que operadores e agências reguladoras ao redor do mundo suspendessem a operação da aeronave.

Na verdade, a ruptura do contrato de fusão da Boeing com a Embraer, está relacionada centralmente à situação específica da empresa estadunidense. Em particular, à profunda crise na Boeing em função dos reveses do modelo 737 MAX, agravada pela crise no mercado aeronáutico produzida pela atual pandemia. Some-se a isso a emergência de novos concorrentes no mercado, chineses e russos, fortemente financiados pelo Estado.

O setor aeroespacial é estratégico e chave no atual sistema internacional, em termos econômicos, militares e tecnológicos. Não é sem razão que o mercado de aeronaves de grande porte vem sendo hegemonizado nas últimas quatro décadas por uma empresa dos Estados Unidos, a Boeing, e outra europeia, a Airbus. Da mesma forma, a China e, em menor medida, a Rússia vêm apostando com fortes investimentos estatais no setor com a criação da chinesa Comac e da empresa russa United Aircraft Corporation (UAC). Ambas estão produzindo aeronaves para competir, de início, exatamente na fatia mais ampla de aeronaves hoje hegemonizada por aquelas duas empresas.

CRISE

Em meio a esse cenário, a Boeing sofreu um grande revés com graves problemas apresentados por sua nova aeronave 737 MAX. Dois acidentes de grande porte ocorreram nos primeiros anos de uso desse modelo. Isso levou a que toda a frota de 737 MAX ficasse no chão até que os problemas fossem sanados. Como efeito colateral, várias empresas comerciais de aviação cancelaram seus pedidos, obrigando a Boeing a paralisar sua produção. Em resumo, o 737 MAX da Boeing está perdendo todo o mercado em função dos problemas apresentados e levaria anos até que um novo projeto fosse realizado e implementado.

Rapidamente, toda situação privilegiada da Boeing no setor se inverteu. Esse quadro tende a se agravar com a atual crise do coronavírus, que deve impactar de forma ampla o setor comercial da aviação, que depende da circulação na maior quantidade de horas diárias possíveis para garantir sua taxa de lucro. É possível que ocorram falências generalizadas no setor com cancelamento de pedidos.

IMPACTOS

Os impactos em 2019 foram assombrosos. A taxa de lucro da Boeing, considerada em termos do lucro bruto a mais elevada do mercado em 2018, caiu de 24,1% para 6,23% em 2019. A arrecadação caiu quase US$ 25 bilhões, cerca de 25%. Os dados de 2020, mesmo desconsiderando a crise produzida pelo coronavírus, tendiam a ser ainda piores. O governo dos EUA já declarou ter reservado US$ 60 bilhões para capitalizar a empresa quando necessário, e a empresa já levantou US$ 25 bilhões de capital por meio da venda de títulos.

A toda essa situação, soma-se, como já mencionamos, a emergência de dois novos concorrentes exatamente na faixa de aeronaves ocupada pelo 737 MAX.

AMEAÇA CHINESA

Contudo, a principal ameaça é, sem dúvidas, a empresa China Commercial Aircraft (Comac) fundada em 2008. Com investimento inicial de U$S 2,7 bilhões do governo chinês, o principal acionista junto com o governo de Xangai. O ambicioso projeto tem em mira enfrentar a Airbus e a Boeing. O avião, que tem expectativa para ser entregue em 2021, já conta com 970 encomendas, a maioria feita por empresas da China, que é um dos maiores mercados consumidores de grandes jatos do planeta na atualidade.

É em função dessa profunda crise, ameaçando uma empresa estratégica para os Estados Unidos, que o projeto de expansão e aquisição da Embraer foi abandonado. Se perdesse peso no setor comercial, a Boeing seria descapitalizada, perdendo o poderio nas parcerias militares que desenvolve com o governo dos Estados Unidos. Apenas em 2019, 34% de seu faturamento, ou US$ 26 bilhões, vieram da produção de novas aeronaves e materiais aeroespaciais para a defesa e a segurança dos EUA.

ESTATIZAÇÃO SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES

Qual a saída para a Embraer?

Apesar da solidez financeira da Embraer, que possui elevado nível de liquidez, um terço de patrimônio líquido em seu total de ativos, taxa de lucro superior aos concorrentes, a empresa de fato não está garantida. Um dos argumentos centrais para justificar a venda era que a Embraer não conseguiria sobreviver aos concorrentes. Principalmente porque sua concorrente direta, a Bombardier, foi incorporada pela Airbus.

Ou seja, para evitar o fim da Embraer no futuro em função da concorrência, a solução é acabar com ela agora, vendendo seu principal segmento para a empresa estadunidense. Mas qual o sentido dessa solução?

O fato de ser um setor estratégico do ponto de vista da disputa imperialista mundial torna a Embraer extremamente vulnerável enquanto empresa privada. A sorte futura da empresa, mesmo com o bom desempenho, não está de forma alguma assegurada. Grande parte das empresas existentes nos anos 1990 foram à falência ou foram adquiridas pelos concorrentes. Por outro lado, Boeing e Airbus, apesar de serem empresas privadas, sobrevivem com fortes aportes estatais que financiam algumas das maiores indústrias militares do mundo. Ao lado delas, estão as estatais emergentes da Rússia e da China.

Apesar do desempenho positivo da Embraer nas últimas duas décadas, a empresa tende a ter dificuldades no futuro com novos concorrentes num mercado muito concentrado e com amplíssimo aporte estatal em todas elas. Isso faz da estatização uma questão de vida ou morte para a Embraer.

Mais ainda. Ao ser reestatizada, a empresa tem a possibilidade de avançar para o setor comercial de maior porte. Ela já produz aeronaves com 150 lugares e tecnologia suficiente para atender, de início, a demanda local da aviação comercial. É um ponto de partida raro que permite ao Brasil atuar num setor de tecnologia de ponta que, em quase todas as demais áreas, atuam no país exclusivamente multinacionais estrangeiras.



É ainda a possibilidade de valorizar e expandir todo o conhecimento e o esforço que trabalhadores brasileiros têm dedicado à empresa no curso de décadas. Cabe aos trabalhadores brasileiros, e somente a eles, a tarefa de lutar pela reestatização da Embraer sob seu controle. É assim que a questão está posta de forma irremediável.

TRAGÉDIA ANUNCIADA

Indígenas resistem à COVID-19 sob descaso criminoso de Bolsonaro

GABRIELA HIPÓLITO, DE BELÉM (PA)

Os apelos foram muitos. Mesmo antes da pandemia chegar às aldeias, os indígenas se organizaram como puderam e exigiram atuação dos órgãos oficiais. Porém pouco foi feito. Todos sabiam que o isolamento seria difícil nas aldeias devido às condições sanitárias precárias e às muitas políticas públicas necessárias.

Hoje os números são alarmantes. Já são 44 nações indígenas afetadas, e os casos triplicam a cada cinco dias. Segundo o Comitê Nacional pela Vida e Memória Indígena, havia 103 mortos até o dia 18 de março, enquanto dados do governam somaram 23. O descaso e a postura criminosa são tão grandes, que as comunidades estão sendo obrigadas a saírem da aldeia para buscar o auxílio emergencial, arriscando contaminar os parentes.

A propagação assustadora poderia não só ser evitada, como também controlada. A primeira indígena a contrair vírus se infectou pelo médico da aldeia. Hoje é a etnia mais devastada pela pandemia, os Kokama. Sem políticas específicas, o vírus pôde seguir alastrando-se.

INVASÃO

Um caso incomum de invasão e desrespeito aos territórios e vidas, no final de março, é emblemático para ilustrar a situação. Um servidor da Funai e pastor realizou um culto com 400 pessoas de dentro e de fora da terra indígena. Essa região do Amazonas, no Alto Solimões, tem hoje 160 casos confirmados e 22 indígenas mortos.

Se confirmada a previsão que Bolsonaro faz, na qual 70% da população será contaminada, seriam 28 mil indígenas mortos pela COVID-19 com a atual taxa de mortalidade que está em 25%. É o reflexo direto da falta de ação do governo. Mais do que nunca, contaminar para exterminar ainda é a máxima colonial no Brasil.

O QUE DEVE SER FEITO?

As medidas de saúde pública são urgentes. Várias são as diretrizes de combate à pandemia já traçadas pelos indígenas. Em primeiro lugar, a necessidade é de estrutura médico-hospitalar. Em carta, os Guarani e Kaiowá, que já somam mais de uma dezena de infectados, denunciam a falta de estrutura e os poucos leitos do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) ao qual estão vinculados 17,3 mil deles. Por isso, é fundamental que a estrutura do SUS esteja a serviço das comunidades, com leitos de UTI, estrutura médica total, condições de isolamento para os infectados e direito ao sepultamento digno (há pelo menos um caso de liderança indígena enterrada em vala comum em Manaus). Essas são exigências feitas aos governos federal e estadual.



Nenhum plano de combate à pandemia pode ignorar as necessidades específicas dos indígenas.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/2XGFP2H

UMA LUTA CONTRA O CAPITALISMO

Solidariedade, apoio e o futuro da questão indígena



O combate à pandemia foi divulgado nas mídias indígenas e também por meio de artistas e intelectuais no mundo. Apesar de não ser a maior população originária no planeta (há países com mais de 10 milhões de indígenas, como o México), há uma grande visibilidade por aqui. Isso porque, no Brasil, há mais de 500 anos, o grande capital avança sobre a Amazônia, convertendo os territórios ancestralmente ocupados pelos povos originários em propriedade privada.

Se é verdade que de ponta a ponta do continente os indígenas lutam de forma heroica contra a mineração, a invasão de suas terras, a sua conversão em latifúndios e a poluição de suas águas, nenhuma dessas lutas ganhou a projeção que tem hoje a destruição da Floresta Amazônica e de seus habitantes.

Defender a Amazônia e seus povos é lutar para que ela não seja mais objeto de destruição e espoliação permanentes pelo agronegócio e pela mineração. É defender o direito à autodeterminação indígena. O fim dos roubos, saques e mortes da floresta e de seus povos tem uma relação direta com a luta pelo fim do sistema capitalista.

VENEZUELA

O fracasso da intervenção militar de mercenários


Vídeo promocional no site da Silvercorp indica que Goudreau estaria executando tarefas de segurança em um comício de Trump

DA REDAÇÃO

No dia 3 de maio, os venezuelanos acordaram com a notícia de que um comando composto por um grupo de supostos mercenários estadunidenses, acompanhados por ex-militares e ex-policiais venezuelanos, haviam sido capturados. O grupo tentava fazer uma incursão armada no país, mas foi neutralizado pelas forças de segurança do Estado. Dez dos mercenários foram presos e oito foram mortos no confronto.

Segundo informações divulgadas pelo governo, o comando terrorista tinha a intenção de desembarcar nas costas da cidade de Macuto, onde foram capturados. Uma detenção semelhante de outra embarcação teria sido feita nas costas do Chuao (estado de Aragua) e foram efetuadas prisões em Puerto la Cruz (estado de Anzoátegui). Uma semana antes, outra ação de conspiração teria sido frustrada em Los Teques (estado de Miranda).

Dentro da Venezuela, as notícias se espalharam rápido e foram colocadas em dúvida por amplos setores da população, que chegaram inclusive a ridicularizar e minimizar os fatos. Uma reação lógica, se forem levadas em conta as repetidas atitudes mentirosas do governo Maduro.

Horas e dias depois, alguns fatos, como a captura de dois mercenários estadunidenses e de Josnar Adolfo Baduel, filho do general Raúl Baduel, esclareceram a situação. O general pertenceu ao governo de Hugo Chávez, mas foi preso em 2009 acusado de corrupção.

Declarações da oposição burguesa reconheceram a existência de uma operação de mercenários da empresa Silvercorp, que pertence ao ex-boina-verde estadunidense Jordan Goudreau. A chamada “Operação Gedeon” teria sido produto de um contrato para levar a cabo a operação de mercenários, assinado entre a empresa Silvercorp e Juan Guaidó segundo jornalistas simpatizantes da oposição patronal, que inclusive tornaram público o contrato.

Apesar de suas tentativas de se afastar da fracassada incursão militar, não há dúvidas sobre os vínculos de Guaidó com a operação. Um de seus principais estrategistas políticos, o direitista e ultrarreacionário Juan José Rendón, reconheceu publicamente, em declarações à rede estadunidense CNN, a assinatura do referido contrato, no valor de US$ 50 mil com a empresa Silvercorp.

O portal da BBC informou que Goudreau participara e fizera a segurança em comícios políticos de Donald Trump. O fato mostra que a tentativa fracassada é de responsabilidade direta de Guaidó, em conluio com o governo imperialista de Trump.

A Unidade Socialista dos Trabalhadores (UST), ligada à LIT-QI, foi categoricamente contrária à interferência imperialista e ao golpismo dos mercenários, expressou o “mais profundo rechaço” e chamou a população a repudiá-la.

“Essa operação, além de seus propósitos imediatos, sem dúvida teve o objetivo fundamental de impor uma situação de fome e miséria aos trabalhadores e ao povo venezuelano em níveis semelhantes ou piores aos que já nos submete a ditadura madurista”, diz a organização em nota.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3G2OOXC

DITADURA

Ação serve para Maduro reprimir o povo

O governo aproveitou a ação fracassada para se vitimar, desviando a atenção dos problemas reais do país, como a fome, a falta de combustível, os massacres nas prisões, o confronto entre quadrilhas criminosas em bairros da capital e a manipulação dos dados sobre as vítimas da COVID-19. Como Bolsonaro, o ditador Maduro vem defendendo o uso da cloroquina, um medicamento sem nenhuma comprovação de eficácia, para tratar os infectados.

A operação dos mercenários também serve ao governo para justificar a ação repressiva, seus dispositivos de coerção e de controle social contra os trabalhadores e os setores populares para criminalizar os protestos sociais. Vai usar a ação para acusar as manifestações desses setores como parte de um “plano terrorista”.

A UST defende que “os trabalhadores e o povo humilde da Venezuela só podem contar com a força de sua mobilização e auto-organização” e denuncia a responsabilidade do imperialismo e da oposição de direita no fracassado ataque armado.

“Devemos nos mobilizar e nos organizar independentemente desses setores e contra sua política de sanções, bloqueios e interferências, para a defesa de nossos direitos democráticos, para exigir a liberdade de presos políticos, para denunciar que o governo usa a operação frustrada como argumento para realizar um ataque repressivo e criminalizar protestos legítimos, lutar contra a fome, combater o pacote antioperário e antipopular do governo, bem como derrubar o governo promotor da fome, corrupto e repressivo de Maduro”, diz a nota.


Mercenários americanos capturados



FUTEBOL E PANDEMIA

Cartão vermelho para quem quer arriscar vidas para salvar cartolas

JEFERSON CHOMA, DA REDAÇÃO

Enquanto a TV exibe antigas partidas de futebol – algumas memoráveis, sem dúvida; outras, nem tanto –, há quem defenda a volta das partidas em estádios no momento em o Brasil caminha rápido para o pico da pandemia de COVID-19.

A pressão começa, é óbvio, pelo próprio Bolsonaro. Numa entrevista recente, o genocida defendeu a retomada do futebol e disse que, por serem jovens e terem boas condições físicas, os jogadores profissionais têm risco pequeno de morrer caso sejam infectados pelo novo coronavírus.

Animados com as declarações do presidente assassino, alguns cartolas e jogadores defenderam o reinício dos jogos. A corrupta CBF "sugeriu" o dia 17 de maio como data para recomeçar os campeonatos. O bolsonarista Felipe Melo disse: "Sou a favor da volta, mas com segurança para todos. Fazer o que tem de ser feito de teste, enfim... O que tem de ser feito."

No entanto, não há a menor segurança de não contaminação no momento em o país caminha rapidamente para mil mortes diárias, sem a menor perspectiva de estabilização. Felipe Melo alega que a volta dos jogos vai estimular as pessoas a ficarem em casa, mas não diz que o seu presidente fala todo dia contra o isolamento social e pede para as pessoas irem ao trabalho.

A Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) também divulgou um comunicado autorizando os clubes a retomarem as atividades em seus centros de treinamento durante a pandemia do coronavírus. Já o presidente do Internacional, Marcelo Medeiros, declarou: "O jogador que não quiser jogar pede demissão. Se for aberta a possibilidade de o futebol voltar, vai cumprir o contrato que assinou."

Aqui se vê da forma mais crua a falta de preocupação com a segurança dos profissionais do esporte que, diga-se de passagem, não são apenas jogadores, mas um conjunto de pessoas que são necessárias para a realização de uma partida – de roupeiros e gandulas a jornalistas. Para essa cartolagem - e de alguns jogadores bajuladores - as vidas dos profissionais são como números em planilhas.

Alguns boçais como Bolsonaro vão dizer que na Alemanhã o futebol já voltou. Mas a realidade alemã não tem nada a ver com a barbárie sanitária brasileira. Por lá foram feitos 30 vezes mais testes do que no Brasil. o país tem 19 mil casos confirmados e somente 68 mortos! As pessoas foram colocadas em quarentena e o governo protegeu emprego e salários.

Voltando ao Brasil, grande parte dos clubes e dos jogadores, felizmente, tem se posicionado contra o retorno das partidas. Paulo Autuori, técnico do Botafogo, declarou: "Me parece uma sandice falar sobre o retorno das equipes de futebol neste momento. Falta de respeito diante de tantas mortes e sofrimentos. Demonstra uma preocupante falta de conhecimento dos responsáveis a favor dessa medida sobre a complexa rotina dos treinamentos de futebol. Ausência de preocupação e de respeito aos profissionais, especialmente àqueles mais sacrificados, que não são jogadores nem membros da comissão técnica. Nós, profissionais, merecemos respeito. Querem futebol de volta? E daí?"

GOL DE PLACA

Raí pede para Bolsonaro sair

O ex-jogador Raí, diretor-executivo de futebol do São Paulo, é um defensor incondicional do adiamento dos jogos de futebol. Recentemente, em uma live, Raí pediu que Bolsonato renunciasse e disse ainda que ele "está no limite, muitas vezes, da irresponsabilidade, quando ele vai contra todas as recomendações da Organização Mundial da Saúde".

O comentarista playboy Caio Ribeiro não gostou e atacou Raí por ter se declarado a favor da renúncia do presidente. Em seguida, o deputado Eduardo Bolsonaro saiu em defesa do comentarista em redes antissociais. Caio, porém, foi criticado por colegas, entre eles Walter Casagrande, que defendeu o direito democrático de Raí de manifestar-se.

Acontece que Caio é filho do conselheiro oposicionista do São Paulo Dorival Decoussau que já foi preso pela Polícia Federal em flagrante, em 1985, quando ocupava o cargo de superintendente do Hospital Matarazzo, por fraudar guias de internação do Inamps (hoje INSS). A fraude provocou um prejuízo de CR$ 100 milhões de cruzeiros mensais aos cofres públicos. Na verdade, Caio está defendendo os negócios espúrios da sua família.

LEIA NO SITE: HTTPS://BIT.LY/3G4JMBW

MANIFESTAÇÃO

NÃO PASSARÃO!

Enquanto fascistas vão às ruas nas carreatas da morte, promovem buzinaços em frente a hospitais abarrotados com pacientes de COVID-19 e vão a manifestações para agredir profissionais da saúde, um grupo de torcedores do Corinthians fez algo exemplar. No dia 9 de maio, reuniram-se na Avenida Paulista num ato em defesa da democracia. A mobilização foi convocada com o objetivo de impedir um protesto de bolsonaristas que aconteceria no mesmo local.

Os torcedores carregavam uma faixa "Somos Democracia", que fez recordar a Democracia Corintiana do Dr. Sócrates.

mural

BURGUÊS SAFADO

Dono da Tesla obriga trabalhadores a voltarem ao trabalho



Dono da Tesla ignora pandemia e manda operários da sua fábrica voltarem ao trabalho.

Ele já foi chamado de gênio no mundo dos capitalistas. Elon Musk, empresário nascido na África do Sul, criou projetos que mudaram hábitos de consumo como PayPal, Tesla, SpaceX e SolarCity. Recentemente, Musk ficou conhecido por ser um dos principais negacionistas dos efeitos do novo coronavírus, posicionando-se ao lado de figuras contestadas pela comunidade científica, como Donald Trump, Jair Bolsonaro e Nicolás Maduro.

Musk disse que reabriria a fábrica da montadora Tesla na cidade de Fremont, na Califórnia, mesmo sem autorização. Assim, obrigaria os trabalhadores que estavam em isolamento a voltarem ao trabalho. O dono da Tesla ameaçou deixar a Califórnia e levar suas fábricas a outros estados, como Texas. O governo da Califórnia, então, arregou e permitiu o funcionamento parcial da fábrica. Contudo, Musk decidiu retomar todas as suas atividades e deu de ombros para as restrições do governo. É evidente que ele não foi preso nem processado.

A Califórnia, estado mais populoso dos Estados Unidos, decretou isolamento obrigatório em 20 de março. Desde então, a população só pode sair de casa para comprar comida e remédios e fazer exercício, respeitando a distância mínima de cerca de dois metros entre as pessoas.

O bilionário também faz parte de um grupo perigoso de defensores da hidroxicloroquina, o medicamento que não tem nenhuma eficácia comprovada no combate à COVID-19. Também prometera entregar respiradores pulmonares da Tesla ao sistema de saúde californiano, mas não entregou nenhum.

Em compensação, entregou 400 equipamentos lacrados com o logotipo da Tesla ao estado de Nova Iorque, o mais castigado pela pandemia. Logo se descobriu que os respiradores, na verdade, eram para o tratamento de apneia do sono e não tinham eficácia para tratar pacientes com quadros graves da COVID-19.

Em 6 de março, Musk, o obscuro, disse no Twitter que o pânico causado pelo coronavírus é estúpido. A enfermidade já ocasionou mais de 315 mil mortes no mundo e parece não ter fim.

O suposto gênio capitalista revela apenas mais uma das faces bárbaras desse sistema.

ENQUANTO A POPULAÇÃO AGONIZA

No Pará, burguesia foge do coronavírus em jatos de luxo



Burguesia no Pará foge de pandemia com jatinhos

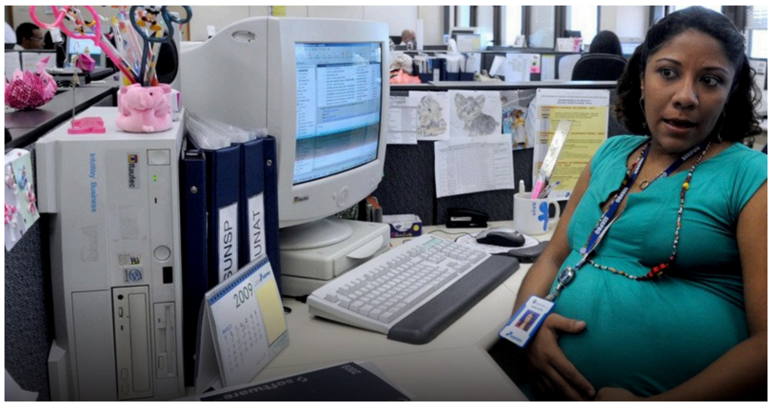
Em apenas duas semanas, os casos de mortes pela COVID-19 no Pará aumentaram 900%. Até o dia 18 de maio, o Pará já computava 15.467 casos da doença. O número de óbitos chegou a 1.392. A maioria dos casos se concentra em Belém, que vive clima de terra arrasada. Todos os hospitais, tanto da rede pública quanto da privada, estão lotados e operando acima do limite. Há pacientes definhando em macas à espera de uma vaga na UTI.

Por outro lado, os ricaços do estado estão fugindo da morte em jatinhos de luxo equipados com UTIs. Eles seguem rumo aos melhores hospitais de São Paulo em busca de sobrevivência. Uma reportagem da revista Época mostrou que dois burgueses, donos de duas redes de supermercados do estado, não estavam dando a menor bola para o vírus até que foram infectados. Outro político corrupto fez a mesma coisa.

"Não era muito adepto do álcool em gel. Estava trabalhando todos os dias no escritório, sem home office, passeava pela cidade e ia às compras mesmo sendo dono uma rede de supermercado", disse Jonas Rodrigues, dono da maior rede de supermercados do estado, o Grupo Líder. O burguês safado nem se questiona se contaminou seus funcionários e outras pessoas que trabalham com ele. Como tem grana, pegou o jatinho com UTI pra São Paulo e se safou.

Outro que se safou foi Kleber Ferreira Menezes, ex-secretário de Transportes do Pará. Quando esteve no cargo, foi denunciado pelo Ministério Público por desviar R$ 20 milhões em contratos fraudulentos. Uma parte dessa grana roubada do povo bancou o jatinho, enquanto o trabalhador morre sem atendimento.

COVARDE



Bolsonaro quer retirar direitos de grávidas

A Medida Provisória (MP) nº 936, editada sob o pretexto de ajudar no combate à pandemia do coronavírus preservando os empregos, prevê que as grávidas também podem ter redução de jornada de trabalho e salário de 25% a 70% por 90 dias e suspensão de contratos de trabalho por 60 dias. Somente as trabalhadoras que já estão em licença-maternidade não podem ter redução de salário ou suspensão de contrato de trabalho.

Com isso, as novas vítimas de Bolsonaro são as trabalhadoras grávidas que estão jogadas à própria sorte e na dependência da boa vontade de chefes e patrões.

Segundo o Ministério da Previdência, em março deste ano, 66.425 mil mulheres pediram licença-maternidade. Por mês, se essa média de gravidez se mantiver, serão mais de 60 mil mulheres, com mais despesas por conta da vinda de um novo membro à família, que correm o risco de ter suspensos ou reduzidos seus salários.

LATIFÚNDIO

Congresso quer favorecer ladrões de terras públicas

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

A pressão de movimentos sociais e até de celebridades obrigaram o Congresso Nacional a recuar da votação da Medida Provisória 910 sobre regularização fundiária, que perdeu sua validade no dia 19 de maio. A "MP da grilagem", como ficou conhecida a medida apresentada por Bolsonaro, representava um enorme golpe nas populações camponesas e indígenas e deixava milhares de hectares de terras públicas à mercê de latifundiários e grileiros de terras.

O recuo do Congresso, porém, foi uma manobra. Dois dias depois, a MP foi substituída por um Projeto Lei apresentado pelo deputado federal Zé Silva (Solidariedade) que manteve a essência da medida anterior. O Projeto de Lei (PL) 2633 abre as terras públicas ao mercado privado e, segundo organizações indigenistas e ambientais, contribui para o aumento da violência contra as populações tradicionais, em especial na Amazônia, onde a maioria das terras públicas estão em poder de usufruto por parte das populações tradicionais, dos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, seringueiros etc. Vejamos algumas das medidas propostas.

LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/2TJZ9WR

ENTENDA

- O projeto propõe a anistia a quem invadiu e desmatou terra pública até dezembro de 2018 (para a Amazônia) e maio de 2014 (para o restante do país) de forma ilegal.

- Para a regularização, o projeto dispensa vistoria nos imóveis rurais de até 15 módulos fiscais. Ela poderá ser feira apenas com a declaração do suposto proprietário. Um dos instrumentos para isso é o Cadastro Ambiental Rural (CAR), no qual proprietários fizeram a própria declaração dos seus imóveis para fins de regularização ambiental. É evidente que muitas dessas autodeclarações se sobrepuseram a terras públicas e terras indígenas. Para se ter uma ideia, a autodeclaração do CAR excedeu em 27,7% o tamanho territorial real do Brasil.

- Concede título a quem já é proprietário de terras desde que a soma das áreas, incluindo a invadida, não ultrapasse 2.500 hectares. Ou seja, vai passar a terra pública a quem já é proprietário de diversos imóveis, o que só vai beneficiar grileiros.

- Permite que áreas invadidas com até 1.650 hectares possam ser tituladas sem necessidade de vistoria. Essa proposta coloca em risco pequenos posseiros, que podem ver suas terras tituladas em nome de grandes grileiros.

- Facilita a titulação de áreas que tiveram desmatamento ilegal. Para isso, basta assinar o Programa de Regularização Ambiental (PRA) ou Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), sem precisar de qualquer plano de recuperação ambiental.

DESMATAMENTO RECORDE

Amazônia: latifúndio não faz quarentena

O debate sobre o PL entra em pauta justamente quando os alertas de desmatamento na Floresta Amazônica bateram o recorde para o primeiro trimestre de 2020. Nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2020, foram emitidos alertas para 796,08 quilômetros quadrados da Amazônia, um aumento de 51,45% em relação ao mesmo período de 2019, quando houve alerta para 525,63 quilômetros quadrados.

Não é comum um desmatamento dessa magnitude na Amazônia nesta época, pois os primeiros três meses do ano marcam o período de chuvas, o que dificulta relativamente a ação dos desmatadores. Mesmo assim, a destruição da floresta aumentou, estimulada pelas políticas de Bolsonaro e de seu ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Recentemente, Salles fez uma "limpa" no Ibama e no ICMBio, afastando agentes que estavam na linha de frente do combate ao desmatamento em terras indígenas.

Além disso, uma aprovação do PL vai tornar mais grave a situação dos povos indígenas frente à pandemia, já que vai estimular mais e maiores invasões aos territórios indígenas. Serão centenas ou milhares de grileiro e latifundiários esperando pela próxima absolvição do Estado. Não por acaso, os números de mortes de lideranças indígenas em 2019 é o maior em pelo menos 11 anos segundo dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

A grande maioria das florestas amazônicas é terra devoluta. Por lá, o mecanismo de criação da propriedade privada da terra pode ser descrito assim: primeiro, ocorre o roubo dessas terras, seguido pelo desmatamento e, em seguida, pelas queimadas que começam nos meses seguintes, período de seca na região; depois, é só esperar o governo reconhecer a sua titulação, como agora o Congresso e Bolsonaro estão fazendo.



FOTO: JEFERSON CHOMA

Desmatamento na Amazônia aumento 55% nos primeiros meses de 2020

Pelo que os dados mostram, as queimadas de 2020 serão ainda maiores que as que vimos no ano passado. É provável que a fumaça escura que pairou sobre o Centro-Sul do Brasil em agosto de 2019 se torne ainda mais espessa e rotineira nos meses de julho e agosto. Serão as cinzas da floresta, convertidas em fuligem, caindo sobre as nossas cidades.